

O negociador brasileiro, Jório Dauster, se atrasa para a reunião com os credores. E o governo continua a fazer segredo de quanto pretende pagar aos bancos.

Dívida: um dia de atrasos e irritação.

Com um atraso de 50 minutos, o negociador da dívida externa brasileira, embaixador Jório Dauster, chegou ontem para a reunião com os diretores dos bancos credores e, antes de entrar, recusou-se a falar sobre a contraproposta brasileira levada a eles. Jório negou-se a falar de números, como informa o correspondente em Nova York, **Regis Nestrovski**. "Não vou comentar número nenhum. Tem muito romancista e ficcionista inventando números. Isso virou uma loteria, que é uma boa palavra. Não vou revelar nada porque é uma questão de disciplina."

De igual modo, no Brasil, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, negou-se a confirmar ser de US\$ 2 bilhões o valor do pagamento proposto aos bancos, como chegou a ser admitido pelo presidente do Banco Central, Ibrahim Eris. Apesar disso, ela reafirmou que o Brasil está disposto a pagar uma parte dos juros em atraso. Sem querer confirmar qual o montante do desembolso, Zélia preferiu esperar a apresentação da proposta, em Nova York.

Demora

Segundo Dauster, o atraso no início da reunião deveu-se a uma reunião com o presidente do Banco Central. "Tivemos que preparar os papéis da nossa proposta", ele disse. O embaixador Dauster passou grande parte do dia reunido com Eris, discutindo a proposta brasileira. À tarde, o presidente do BC embarcou para a Europa, para uma reunião com os presidentes dos bancos centrais. Os 22 banqueiros do comitê de bancos credores, acompanhados de representantes do Federal Reserve de Nova York, aguardavam os brasileiros desde as 11 horas da manhã (14 horas de Brasília).

O coordenador da dívida brasileira pelo lado dos credores, William Rhodes, chegou

Externa

Para um baqueiro alemão, o embaixador Jório Dauster provou-se ser apenas um bom negociador de café.



para a reunião com o negociador brasileiro acompanhado do vice-coordenador Michel Hunter, do Lloyd's Bank da Inglaterra. "Não sei qual será a proposta brasileira. Vamos ver o que tem a oferecer. Vocês provavelmente sabem mais do que eu", disse Rhodes a um batalhão de repórteres brasileiros que enfrentavam o frio de zero grau fora do edifício onde se realizam as negociações.

Irritação

Um banqueiro alemão não aguentou a espera e desceu para conversar. "Eu perdi o meu domingo para vir a Nova York. Primeiro disseram que a reunião era às 11 horas, depois às 14h30 e agora estão nos dizendo que será só às 16h30, este é o jeito que os brasileiros negociam. Não são sérios. Para eles é um jogo. Se eles querem desenvolvimento e crescimento econômico, necessitam dos bancos. Eles deveriam jogar justo com a gen-

te. Dauster, até o momento, mostrou que é um bom negociador de café. Ele está preocupado com a próxima colheita de café", disse o banqueiro, voltando para a reunião quando viu que o negociador brasileiro chegava.

As negociações prosseguiram durante a noite de ontem em Nova York. Dauster não sabia se haveria uma nova reunião hoje para discutir a proposta brasileira. Mas com a chegada do feriado do Dia de Ação de Graças, na quinta-feira, nos Estados Unidos, poucos banqueiros estarão presentes caso as negociações se estendam. Por isso, muitos mandaram substitutos.

Ruptura

Se confirmada a decisão de pagar US\$ 2 bilhões dos juros atrasados, o governo deverá se preparar para a quebra da unanimidade de apoio à equipe econômica no Senado. Deverá haver ainda o adiamento da votação em Plenário do projeto que

estabelece condições para a renegociação da dívida, marcada para amanhã. Os senadores que integram a Comissão de Economia prevêm ainda que o governo deverá forçar a modificação do conteúdo do projeto de resolução 55, que impede qualquer pagamento aos credores antes de o Senado aprovar os acordos da dívida.

O presidente da Comissão de Economia, senador Severo Gomes (PMDB-SP), disse que as declarações do presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, de que o Brasil pagará US\$ 2 bilhões, contraria a decisão da comissão do Senado e traz "graves consequências para o apoio político ao governo nas negociações da dívida externa".

Já o senador Roberto Campos, contrário ao conteúdo do projeto de resolução 55, disse que o governo agiu com sensatez, porque somente pagando parte dos juros atrasados o Brasil poderá ter acesso a créditos comerciais e interbancários.